MISHCAN BESIMCHE

Informativo Semanal - Edição #115
23 de Outubro de 2026

MISHCAN MENACHEM



HORÁRIOS:

Acendimento das velas: 17H55

SEXTA À NOITE:

Minchá: 17h55
Cabalat Shabat: 18h30

SHABAT:

Shacharit: 9h30
Minchá: 17h55

DOMINGO:

Shacharit com café da manhã e aula: 8h30

SEGUNDA À SEXTA:

Shacharit: 6h45

Querido Leitor

Em novembro de 1917, em meio à instabilidade política e aos confrontos armados que abalavam a Rússia, milhares de judeus enfrentavam as consequências da guerra, obrigados a abandonar seus lares e buscar refúgio em regiões distantes. Foi nesse cenário de incertezas que o Rebe Rashab, Rabi Sholom DovBer de Lubavitch, demonstrou sua profunda preocupação com as necessidades espirituais do povo judeu, transformando uma circunstância adversa em uma oportunidade de ajudar seus irmãos. O episódio foi preservado pelo chassid Rabi Raphael Nachman Kahan, conhecido como "Foleh", que nos conta:

"Em novembro daquele ano, o Rebe Rashab partiu de Rostov para participar de uma conferência de rabinos em São Petersburgo, acompanhado pelos rabinos Nosson Gurarie, Zev Fallei e Shmuel Katzman. Ao chegar a Moscou, encontrou a cidade tomada pelos confrontos armados entre os bolcheviques e seus adversários. Durante vários dias, incluindo o Shabat, o Rebe permaneceu retido na cidade, impossibilitado tanto de prosseguir viagem quanto de retornar a Rostov. Meus pais preparavam suas refeições, que levávamos até o local onde estava hospedado, atravessando as ruas sob o zunido das balas.

Certa tarde, meu pai e Reb Zalkeh encontraram o Rebe caminhando de um lado para o outro em seu quarto, com uma expressão de profunda preocupação. Ouviram-no murmurar: 'Parti para São Petersburgo, mas permaneci em Moscou. Bem, parece que era para ser assim'. Voltando-se então para meu pai, o Rebe manifestou o desejo de reunir alguns chassidim. Reconhecia que aqueles eram tempos difíceis, mas, ainda assim, considerava importante realizar o encontro.

O Rebe preparou uma lista de membros abastados da comunidade de Lubavitch, e meu pai ficou encarregado de reuni-los. Inicialmente, os convites foram transmitidos por telefone. Entretanto, quando as linhas telefônicas deixaram de funcionar, meu pai precisou sair pelas ruas da cidade para procurar pessoalmente os convidados. Apesar dos perigos, todos compareceram.

Durante a reunião, o Rebe explicou sua preocupação: 'Muitos judeus perderam seus lares em consequência da guerra, e os refugiados encontram-se espalhados pela Europa e pela Rússia. Alguns foram deslocados para regiões onde anteriormente não havia comunidades judaicas. Agora, encontram-se privados dos livros mais essenciais à vida de um judeu, especialmente dos livros de orações.' O Rebe propôs, então, a criação de uma gráfica destinada à publicação desses livros. Para financiar o empreendimento, seriam oferecidas ações no valor de mil rublos cada, podendo os participantes adquirir quantas desejassem. Todos os presentes aderiram à iniciativa.


סדור תהלת ה'

תפלות לכל השנה

נוסח אשכנז

ראסטרוב-ראן.

ИЗДАНИЕ 2-е.

1918 – Impressão do Sidur Tehillat Hashem, uma das primeiras publicações da editora Ezra. Foto: Chabad.org

No domingo, como as condições nas ruas ainda impediam a circulação de veículos, o Rebe caminhou até a estação ferroviária, acompanhado por vários chassidim, e finalmente retornou a Rostov. De volta à cidade, o Rebe fundou a editora Ezra, que passou a publicar os sidurim Tehillat Hashem, em sua antiga edição de formato fino, além de livros de orações segundo o rito asquenazita. Posteriormente, esses livros foram enviados às diferentes localidades onde se encontravam os judeus refugiados."

Essa história revela a extraordinária sensibilidade do Rebe Rashab diante das necessidades espirituais do povo judeu. Mesmo em meio à guerra e à instabilidade, ele soube transformar uma situação adversa em uma oportunidade de ajudar seus irmãos. A fundação da editora Ezra representou muito mais do que a simples impressão de livros de orações. Foi uma iniciativa destinada a preservar a vida judaica e assegurar que, mesmo longe de suas comunidades e em circunstâncias extremamente difíceis, os judeus pudessem continuar unidos às suas tradições e à sua fé. O que poderia ter sido apenas um episódio de uma viagem interrompida tornou-se, assim, uma demonstração de que, para o Rebe Rashab, nenhuma circunstância deveria impedir o esforço de atender às necessidades de outro judeu.

Rabino Shalom Ber Gourarie

PARASHAT LECH LECHA

Em um primoroso insight, Rabi Jonathan Sacks nos ensina que o judaísmo é, acima de tudo, uma religião de liberdade; não a liberdade no sentido moderno, ou seja, a capacidade de fazer o que queremos, mas no sentido ético da capacidade de fazer o que devemos, de nos tornarmos co-arquitetos com D'us de uma ordem social justa e benevolente. A primeira leva a uma cultura de direitos, a segunda a uma cultura de responsabilidades. O judaísmo é fé como responsabilidade.

A responsabilidade constitui o tema de todos os quatro dramas do Gênesis anteriores a Abraão. Adam nega a responsabilidade pessoal. Caim nega a responsabilidade moral. Noach falha no teste da responsabilidade coletiva. A situação relativa à Torre de Babel foi uma rejeição da responsabilidade ontológica, ou seja, a ideia de que o imperativo ético provém de uma fonte que transcende o indivíduo. Essa não é uma ideia trivial.

Desde que existem registros documentados, os seres humanos atribuem seus infortúnios a fatores que não a vontade humana e o "eu responsável". E continuam fazendo isso hoje. No passado, os homens culpavam as estrelas, o destino, as fúrias, os deuses. Hoje, culpam seus pais, o ambiente, seus genes, o sistema educacional, a mídia, os políticos e, quando tudo mais falha, os judeus.

Há uma piada judaica que expressa isso melhor do que qualquer tratado filosófico. Durante um ano, o rabino Cohen se esforçou para ensinar o livro de Josué à sua turma indisciplinada. Ninguém prestou muita atenção, então ele facilitou ao máximo a prova de final de ano. Perguntou a Marvin, que estava no fundo da sala: "Quem destruiu os muros de Jericó?". Marvin respondeu: "Por favor, senhor, não fui eu". Escandalizado, ele contou isso aos pais de Marvin. Em vez de se desculparem, eles responderam indignados: "Se o Marvin diz que não foi ele, então não foi ele". Desesperado, ele foi até o presidente da congregação e contou-lhe a história. O presidente ouviu, abriu a gaveta, pegou seu talão de cheques, escreveu algo nele e disse: "Aqui estão mil dólares. Mande consertar os muros e pare de reclamar".

Vivemos na era do "Por favor, senhor, não fui eu". Diz Rabi Sacks que em um famoso caso jurídico americano, o advogado que defendia dois jovens que assassinaram os pais alegou a inocência deles sob a justificativa de que os pais haviam sido psicologicamente abusivos. Em outro caso, o advogado argumentou que seu cliente não era culpado pela violência. O que ele comeu o deixou exaltado. Isso ficou conhecido como a "defesa da comida não saudável". O que começou como uma piada se tornou um fenômeno. É a chamada cultura da vitimização.

Atualmente, para conquistar a simpatia das pessoas em favor de uma causa, parece cada vez mais necessário apresentar-se como vítima. Essa condição oferece vantagens consideráveis: desperta a empatia dos outros, atrai apoio e faz com que as atitudes de quem se apresenta como vítima sejam menos sujeitas a críticas. Entretanto, essa postura apresenta três graves inconvenientes: é falsa, é moralmente corruptora e representa uma negação da própria condição humana.

Aquele que assume permanentemente a condição de vítima passa a enxergar a si mesmo como objeto das circunstâncias, e não como sujeito capaz de agir sobre sua própria realidade. Em outras palavras, considera-se alguém a quem as coisas simplesmente acontecem, e não alguém que pode tomar decisões e transformar sua situação.

Dessa maneira, nega sistematicamente sua responsabilidade, enquanto aqueles que procuram ajudá-lo acabam, muitas vezes, reforçando essa postura. Tornam-se aquilo que, na terapia de dependências, se denomina codependentes: pessoas que, embora desejem ajudar, acabam contribuindo para a perpetuação da própria dependência. Ao atribuir a causa do sofrimento de alguém a fatores externos à pessoa, a cultura da vitimização perpetua a condição de vítima. Em vez de ajudar o prisioneiro a sair da prisão, ela o tranca lá dentro e joga a chave fora.

O chamado de D'us a Avraham: "Deixe sua terra, seu lugar de nascimento e a casa de seu pai" foi uma convocação para trilhar um caminho novo e diferente, o mais decisivo e, ao mesmo tempo, o mais esperançoso da história da humanidade. Três das mais famosas negações da liberdade foram feitas por indivíduos de origem judaica que rejeitaram o judaísmo. A primeira foi Spinoza, que argumentou que todo o comportamento humano é explicável por leis causais. Hoje chamaríamos isso de determinismo genético. A segunda foi Karl Marx, que afirmou que a história era moldada por fatores materiais, especificamente econômicos. A terceira foi Sigmund Freud, que sustentou que as ações são resultado de impulsos inconscientes e irracionais, os principais dos quais relacionados aos primeiros anos da infância, especialmente o complexo de Édipo, o conflito entre pais e filhos.

Sem saber, eles forneceram o melhor comentário sobre o versículo de abertura da Parashá desta semana. Marx disse que o comportamento humano é determinado por fatores econômicos, como a posse de terras. Porém, D'us disse a Avraham: Deixe sua terra. Spinoza disse que a conduta é impulsionada por instintos inatos. Mas, D'us disse a Avraham: Deixe seu lugar de nascimento. Freud disse que somos influenciados por nosso relacionamento com nosso pai. Entretanto, D'us disse a Avraham: Deixe a casa de seu pai.

A liberdade não é inerente à condição humana. Assim como outras realizações singulares do espírito, arte, literatura, música, poesia, ela exige treinamento, disciplina, aprendizado, rotinas rigorosas e atenção meticulosa aos detalhes. Ninguém compôs um grande romance ou uma sinfonia sem anos de preparação. É por isso que a maioria das teorias sobre o comportamento humano são simplesmente falsas. Elas afirmam que somos livres ou não; que temos livre arbítrio ou que nosso comportamento é determinado causalmente. A liberdade não é uma questão de tudo ou nada. É um processo. Começa com a dependência e, somente lenta e gradualmente, se transforma em liberdade, a capacidade de se distanciar das pressões e influências que nos afetam e agir em resposta a uma consciência formada, ao discernimento, à sabedoria e à alfabetização moral. É, em suma, uma jornada: a jornada de Abraão.

Esse é o significado profundo das palavras Lech Lecha. Normalmente, elas são traduzidas como "Ir, partir, viajar". O que elas realmente significam é: jornada (lech) para si mesmo (lecha). Deixe para trás todas as influências externas que nos transformam em vítimas de circunstâncias fora do nosso controle e viaje para dentro, para o seu eu. É lá – somente lá – que a liberdade nasce, é praticada e sustentada.

➢ **Rabino Gourarie**

Nos livros chassídicos, os sábios são muito meticulosos ao explicar o significado das palavras Lech Lechá. A conclusão é que Lech Lechá significa ir ao encontro de si mesmo, encontrar a própria essência. Mas como alguém pode saber, com certeza, que realmente atingiu sua essência? Sobre isso, diz o Rebe: não se exige de uma pessoa que se esforce além de sua capacidade. Por outro lado, exige-se que utilize toda a sua capacidade.

Quando você utiliza toda a sua capacidade, sem poupar esforços, está revelando sua essência. Esse é o verdadeiro significado de

Lech Lechá. Todos nós conhecemos a história de Rabi Zusha. Não se exige que Rabi Zusha seja como o Baal Shem Tov, mas que seja o verdadeiro Zusha, realizando tudo aquilo que é capaz de fazer. Esse é o ensinamento. Sabemos que literalmente, Lech Lechá significa "vai para ti", para teu benefício e para teu bem. Agora, vamos refletir sobre isso. O grande Rebe de Belz apresenta uma pergunta a respeito dessa explicação de Rashi. Sabemos que Lech Lechá é considerado o primeiro dos dez testes aos quais D'us submeteu Avraham Avinu, para demonstrar seu nível de fé e dedicação a D'us. Mas, se essa viagem seria para o benefício de Avraham, para o seu próprio bem, onde estaria o teste? Onde está a dificuldade de realizar algo que trará benefícios para si mesmo? D'us está dizendo: "Faça isso e tudo será muito bom para você". Ótimo! Parece uma boa proposta. Por que, então, Avraham Avinu considerou isso um grande teste?

Sabemos que toda a vida de Avraham Avinu foi dedicada a Hashem. Toda a sua trajetória demonstra sua dedicação exclusiva ao cumprimento da vontade de D'us. De repente, D'us diz a Avraham Avinu: "Faça alguma coisa para você". D'us está dizendo: "Agora chegou a hora de testar você. Faça alguma coisa para seu próprio benefício". Ou seja, D'us está testando Avraham para verificar se, mesmo quando realiza algo que lhe trará benefícios pessoais, ele consegue fazê-lo com a mesma dedicação a D'us. E isso não é fácil.

O Rebe acrescenta mais uma pérola a esse ensinamento. No final, apesar de D'us ter prometido a Avraham Avinu que aquela viagem seria para seu benefício, o versículo afirma que Avraham partiu conforme D'us lhe havia ordenado. Ou seja, mesmo sabendo que aquela viagem lhe traria benefícios, Avraham partiu porque D'us havia ordenado que ele fosse. Ele não estava preocupado com a promessa de benefício pessoal. Qual foi, então, o teste?

Mesmo sabendo que aquela viagem seria para seu próprio bem, Avraham Avinu poderia dizer: "Isso não é o que mais me interessa. O que realmente importa é que estou cumprindo a vontade de Hashem. Não vou concentrar minha atenção nos benefícios pessoais que poderei receber". Esse é um grande teste. De qualquer maneira, para alcançar todos esses níveis espirituais, é necessário chegar à própria essência.

11 DE CHESHVAN - FALECIMENTO DE RACHEL IMEINU

A história de nossa mãe Rachel, que morreu jovem, aos 36 anos, é uma das narrativas mais comoventes que se lê na Torá, e nos consola até os dias de hoje. Rachel começou a dar à luz. Seu parto foi extremamente difícil; ela estava morrendo, e ao dar o último suspiro, deu ao filho o nome Ben-oni (Filho da Minha Tristeza). O pai o chamou de Benjamin. Rachel morreu e foi enterrada na estrada para Efrat, agora conhecida como Bethlehem. Yaacov construiu um monumento em seu túmulo. É este monumento que encontramos até hoje no túmulo de Rachel (Bereshit 35:16-20). A triste morte de Rachel no parto, dando a vida pelo filho recém-nascido, iria personificar o papel histórico de Rachel como a mãe quintessencial que se sacrifica pelos filhos, no decorrer das eras, até o fim dos tempos.

Por que nossa mãe Rachel foi enterrada na estrada e não na Gruta de Machpelá em Hebron, onde os quatro casais fundadores (Adam e Eva, Avraham e Sarah, Yitschak e Rivka, e mais tarde Yaacov e Leah) foram colocados para descansar? Hebron não é tão longe de Bethlehem. Por que Yaacov não fez o esforço extra para honrar sua amada esposa e conceder a ela a dignidade de um enterro adequado num local respeitável, ao lado de todos os Patriarcas e Matriarcas?

O próprio Yaacov, em seu leito de morte, respondeu a essa pergunta, quando fez Yossef jurar que iria enterrá-lo em Hebron junto com seus pais: E eu, quando cheguei de Padan, Rachel morreu perto de mim na Terra de Canaã, na estrada, a pouca distância de Efrat; e eu a enterrei ali na estrada para Efrat, que é Bethlehem (Bereshit 48:7). Estou pedindo a você que tenha o trabalho de levar-me para ser enterrado na Terra [Santa]; embora eu não tenha feito o mesmo pela sua mãe. Ela morreu perto de Bethlehem… e eu nem sequer a levei a Bethlehem para trazê-la a [um local estabelecido na] Terra. Sei que há ressentimento em seu coração contra mim [por causa disso]. Mas saiba que foi por ordem Divina que a enterrei ali, para que ela fosse uma ajuda para seus filhos quando Nebuzaradan [da Babilônia] os exilasse e eles passassem por ali. Então Rachel ficará sobre seu túmulo e vai chorar e implorar misericórdia para eles, como está escrito (Jeremiah 31:14-16): "Uma voz é ouvida em Ramah, lamento e amargo pranto: Rachel está chorando pelos seus filhos e se recusa a ser confortada pelos filhos, porque eles estão longe. E D'us responderá a ela: Afaste sua voz do pranto, e seus olhos das lágrimas; pois sua obra será recompensada, diz D'us; e eles retornarão da terra do inimigo. Há esperança para o seu futuro; que seus filhos retornarão às próprias fronteiras" (comentário de Rashi sobre este versículo). Segundo o Midrash, naquele tempo os outros Patriarcas, Matriarcas e Moshê, também, imploraram misericórdia. Porém D'us permaneceu silente. Então Rachel ergueu sua voz, e evocou a promessa da Redenção. "Ó D'us do universo," ela argumentou. "Considere o que eu fiz pela minha irmã Leah. Todo o trabalho que Yaacov fez para meu pai foi apenas para poder se casar comigo; no entanto, quando chegou a hora de eu entrar na canópia nupcial, eles levaram minha irmã no meu lugar. Não apenas eu mantive meu silêncio, como dei a ela a palavra secreta que Yaacov e eu tínhamos combinado (que tínhamos arranjado especificamente para impedir que qualquer outra noiva fosse levada em meu lugar). Você, também, se Seus filhos levaram Seu rival à Sua casa, mantém Seu silêncio." Imediatamente a misericórdia de D'us foi despertada e Ele respondeu: "Por ti, Rachel, Eu levarei Israel de volta ao seu lugar."

Na verdade, as lágrimas maternais de Rachel foram reconhecidas por Yaacov quando ele a encontrou pela primeira vez. Quando Rachel a pastora apareceu com as ovelhas de seu pai, "Yaacov beijou Rachel e ergueu a voz e chorou" (Bereshit 29:9-11). Por que ele chorou? Porque anteviu que Rachel não seria enterrada ao seu lado (Rashi), para que ela pudesse chorar e implorar pelos seus filhos sofredores.

Fatos Interessantes:

- Quando Yaacov enterrou Rachel, cada um dos seus filhos pegou uma pedra e a colocou sobre o túmulo. Yaacov então pegou uma pedra maior e a colocou em cima de todas as outras. Assim foi formado o primeiro monumento sobre seu túmulo.
- Segundo o Midrash, a primeira pessoa a rezar no túmulo de Rachel foi seu filho mais velho, Yossef, que tinha apenas sete anos quando a mãe faleceu. Quando ele tinha dezessete anos, seus irmãos o venderam como escravo. Quando estava sendo levado para o Egito, ele fugiu de seus captores, correu até o túmulo da mãe e gritou por ela. "Mãe, minha mãe, que me deu à luz, acorde, levante e veja meu sofrimento." "Não tema," ele ouviu a mãe responder. "Vá com eles, e D'us estará com você."
- A partir do Século Quinto da Era Comum até meados de 1800, o túmulo de Rachel era assinalado por uma pequena cúpula apoiada por quatro vigas. Em 1841, Sir Moses Montefiore e sua esposa (que, como Rachel, não tinha filhos) acrescentou paredes à cúpula, e uma longa sala. A imagem do túmulo de Rachel tem sido popularizada na arte e em fotos de sua estrutura.

SINOPSE - DIÁSPORA DOS MARRANOS – PARTE FINAL
A PRESENCA DOS CRISTÃOS-NOVOS NO BRASIL

A participação dos cristãos-novos na formação do Brasil constitui um capítulo fundamental da história judaica e da colonização portuguesa. Conforme demonstram as historiadoras Anita Novinsky (Inquisição: prisioneiros do Brasil, séculos XVI a XIX. 2. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2009) e Rachel Mizrahi (Do Descobrimento aos dias atuais. Imigrantes no Brasil, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, pág. 9-12), a Inquisição portuguesa ultrapassou os limites de um tribunal religioso, funcionando também como instrumento de controle político, econômico e social. Seus efeitos não ficaram restritos à Península Ibérica, alcançando o Brasil colonial e influenciando profundamente a trajetória dos descendentes dos judeus expulsos ou convertidos à força.

A atuação inquisitorial envolvia investigações sobre a origem familiar, denúncias, prisões e confiscos de propriedades. Esse ambiente de insegurança contribuiu para o enfraquecimento econômico português, especialmente porque muitos cristãos-novos participavam intensamente das atividades comerciais e financeiras. Conforme observa Novinsky, nos séculos XVI e XVII, a identificação entre cristãos-novos e homens de negócios tornou-se tão frequente que ambos os termos praticamente se confundiam no imaginário português.

Diante das perseguições, muitos cristãos-novos procuraram reconstruir suas vidas em territórios ultramarinos. O Brasil surgiu como uma alternativa promissora, oferecendo oportunidades comerciais e relativa distância da vigilância religiosa metropolitana. Apesar das restrições impostas pela Coroa, milhares atravessaram o Atlântico, frequentemente auxiliados por redes de comerciantes e navegadores. Essa esperança de liberdade, entretanto, mostrou-se limitada.

A partir do final do século XVI, o Santo Ofício intensificou sua atuação na colônia, enviando visitadores encarregados de investigar possíveis práticas judaizantes. Durante a União Ibérica, a fiscalização tornou-se ainda mais rigorosa, demonstrando que a distância geográfica não garantia proteção contra a perseguição inquisitorial. Um dos episódios mais expressivos dessa história ocorreu em Pernambuco, após a ocupação holandesa iniciada em 1630. Durante o governo de Maurício de Nassau, a relativa liberdade religiosa possibilitou a chegada de judeus sefarditas provenientes de Amsterdã. Recife tornou-se um importante centro da vida judaica nas Américas, com sinagogas, instituições comunitárias, atividades beneficentes e liderança rabínica organizada. Contudo, a experiência foi interrompida em 1654, com a restauração do domínio português. Muitos retornaram à Holanda ou seguiram para o Caribe, enquanto um pequeno grupo chegou a Nova Amsterdã, futura Nova York, contribuindo para o estabelecimento da primeira comunidade judaica organizada daquela cidade.

No Brasil português, entretanto, a repressão prosseguiu. Cristãos-novos de diferentes capitanias continuaram sendo investigados, presos e enviados aos tribunais inquisitoriais de Lisboa. A influência dos cristãos-novos sobre a história brasileira também pode ser observada nas primeiras atividades econômicas da colônia. Entre seus representantes destacou-se Fernão de Noronha, também conhecido como Fernando de Noronha ou Fernão de Loronha, comerciante de origem cristã-nova que conquistou posição privilegiada junto à Coroa portuguesa.

No início do século XVI, Noronha participou da exploração comercial do pau-brasil, produto especialmente valorizado pela indústria europeia de corantes. Responsável pelo primeiro contrato de monopólio dessa atividade, recebeu privilégios reais, incluindo a ilha que posteriormente passou a ostentar seu nome. Alguns estudiosos levantam a hipótese de que Gaspar da Gama teria sugerido a Noronha a utilização do território brasileiro como possível refúgio para judeus perseguidos na Europa. Embora essa interpretação não constitua fato historicamente comprovado, demonstra a importância atribuída à presença cristã-nova nas primeiras iniciativas comerciais portuguesas no Atlântico.

Em suma, a história dos marranos representa um processo de longa duração, marcado pelas perseguições iniciadas no final da Idade Média, pela expulsão de 1492, pelas conversões forçadas de 1497 e pela persistência do criptojudaísmo sob a vigilância inquisitorial. Suas consequências alcançaram Portugal, Brasil, Holanda, Império Otomano e diversas comunidades americanas, como já estudado nas sinopses anteriores. A diáspora sefardita, contudo, não deve ser compreendida exclusivamente como uma trajetória de sofrimento. Apesar das expulsões, perseguições e perdas materiais, seus integrantes reconstruíram comunidades, estabeleceram redes comerciais e contribuíram para o desenvolvimento econômico, intelectual e cultural das sociedades que os acolheram. No Brasil, a presença cristã-nova deixou marcas importantes na formação histórica e cultural do país, inclusive nas tradições familiares, nas genealogias e na memória de práticas religiosas preservadas discretamente.

Assim, a história dos marranos constitui, sobretudo, um testemunho da extraordinária capacidade de resistência do povo judeu. Mesmo diante da violência inquisitorial e da dispersão territorial, sua herança espiritual e intelectual permaneceu viva. Mais do que uma narrativa de perseguição e exílio, a diáspora dos marranos revela uma história de perseverança, reconstrução comunitária e fidelidade à memória ancestral.



Primeira página do processo inquisitorial de Antônio Simões, acusado da prática do judaísmo. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Portugal)

Lei Rouanet METALTEX Autopel soluções CBC MINISTÉRIO DA CULTURA